

O CORPO HIBRIDIZADO COMO ALEGORIA DA REALIDADE VIRTUALIZADA Uma análise do episódio “The Entire History of You” da série televisiva Black Mirror

Eliana Cândida de Souza, Erika Cristina Dias Nogueira e Flora Libânio Miranda de Souza

elianasouzaeliana@yahoo.com.br - <http://lattes.cnpq.br/0694029420656614>

erikadiasjornalista@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/4226461078069568>

libanio.flora@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/3678144109350942>

RESUMO

O presente artigo analisa o episódio “The Entire History of You” da série televisiva britânica “Black Mirror” com o foco na questão da virtualização da vida humana. A análise é realizada com base em estudos sobre as tensões contemporâneas provocadas pela era tecnológica em que vivemos propostos por autores como Giorgio Agamben, Hermínio Martins, Paula Sibilia e Zygmunt Bauman, que utilizam perspectivas diversas, mas com a mesma vertente crítica quanto às possibilidades ofertadas pela tecnologia atualmente. A partir dos conceitos apresentados pelos autores, este trabalho avalia como o ser humano é apresentado no episódio da série e qual é a relação entre os seres e a tecnologia e também entre eles por meio dela.

Palavras-chave: Dispositivo. Corpo Híbridizado. Fáustico. Memória. Público. Privado.

1- INTRODUÇÃO

“Se a tecnologia é uma droga, então quais são exatamente os efeitos colaterais?”. É com esta questão polêmica que Charlie Brooker, criador da série televisiva Black Mirror, analisada neste artigo, propõe reflexões sobre os dispositivos tecnológicos. Baseado neste pensamento, a série pretende mostrar um “espaço entre o encanto e o desconforto”, nas palavras de Charlie. Afinal, sabe-se hoje que as ações da tecnologia e seus serviços vão do útil ao fútil. Inevitáveis são as desordens e transformações que estas novas tecnologias podem trazer. Partindo dessas reflexões e de teorias que observam o dispositivo tecnológico, este trabalho analisa o episódio 3 da primeira temporada, “The Entire History of You”, que é ambientada em um universo paralelo. O dispositivo apresentado nela é um implante perto da orelha com alta capacidade de armazenamento de memória da vida do cidadão. Apesar de ser provido de vantagens, o episódio mostra como tal dispositivo é capaz de minar as relações interpessoais.

2 - CORPO HIBRIDIZADO EM BLACK MIRROR

Imaginar-se com um microchip implantado no cérebro que registra todas as suas memórias poderia parecer algo distante da realidade vivida há algumas décadas. Porém, aparatos como esse não estão somente nas cenas ficcionais do episódio da série televisiva Black Mirror, “The Entire History of You”. A vida tem imitado a arte e o que se vê são cada vez mais aparatos tecnológicos que conduzem a uma chamada “hibridização do corpo humano” (SIBILIA, 2002). Atualmente, podemos usufruir de uma luva que se propõe a ser uma espécie de telefone móvel ou um óculos de realidade aumentada que atende a comandos de voz e movimento. Todos esses recursos sedutores se propõem a ser uma extensão de nossas funções físicas, promovendo o imaginário cinematográfico de homens-ciborgues¹. E é na tela que os novos seres humanos hibridizados são cada vez mais retratados. A série de televisão Black Mirror surge para apresentar os desconfortos com relação a essas novas possibilidades.

O Episódio 3 se assemelha bastante à vida real. Nele, percebem-se marcas do desejo fáustico de controlar o corpo humano e suas funções orgânicas. “Por um saber de tipo fáustico, a tecnociência contemporânea almeja ultrapassar todas as limitações biológicas ligadas à materialidade do corpo humano, rudes obstáculos orgânicos que restringem as potencialidades e as ambições dos homens” (SIBILIA, 2002, p.49). No episódio, o microchip denominado “O Grão” satisfaz a vontade humana de controle total do corpo, em específico da memória, que, sem a tecnologia, é tão fugaz, líquida. Mas, com o Grão ela não escapa. Todos mantêm as lembranças sob “controle”. E é exatamente isso que a palavra grão alude. Destinada ao nome do chip, “grão” significa semente, algo que faz germinar, desenvolver-se em um local. No caso do episódio, esse lugar de desenvolvimento é o cérebro, que apresenta uma evolução para além das possibilidades humanas com o uso do chip.

Com a oferta de memória estendida mecanicamente, o homem pode se tornar

1 Considera-se como ciborgue a caracterização feita por HARAWAY (2009). “Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social, bem como uma criatura de ficção” (p.149).

chave de registro, controle e recuperação de dados, um "homem-informação", conforme Sibilía (2002), com um "materialismo levado até as últimas consequências". Nesse sentido, Sibilía (2002, p.79) ainda afirma:

Hoje, com a sua mútua inspiração fáustica, as novas **ciências da vida** se aliam à **teleinformática** de maneira cada vez mais intrincada, numa junção das duas vertentes mais significativas da tecnociência contemporânea. Com seu paradigma digital, sua tendência virtualizante e seu embasamento na informação imaterial, ambos os tipos de saberes e ambos os conjuntos de técnicas estão sendo aplicados aos corpos, às subjetividades e às populações humanas, contribuindo para sua produção. (SIBILIA, 2002, p.79)

A sedutora oportunidade de ampliar a memória é apresentada no episódio logo na segunda cena, no interior de um táxi, quando o personagem principal Liam apresenta as imagens gravadas em seu microchip. Ele o faz a partir de um controle remoto que leva nas mãos durante todo o episódio. É como se sua mente agora contasse com um botão "liga/desliga". Na cena, ele assiste a propaganda do chip que possui. A publicidade deixa claro que o retorno para quem compra "O Grão" é enorme, com "30 anos de backup" de lembranças e "por menos que uma xícara de café", ele apresenta o melhor custo-benefício para o comprador. O processo de implante também é simples e facilitado, com anestesia atrás da orelha. Tudo feito para persuadir. E parece dar certo, pois a única personagem que não possui o implante é Helen, apresentada com uma aparência angustiada, ou seja, mais humana do que os outros. Seu nome significa "luz brilhante", o que pode ser uma ironia com a representação obscura de sua personagem ou também com uma referência a única esperança, luz, que a história possui.

Helen é apontada por outros personagens como "corajosa" por ficar sem o microchip. O que pode ser considerado um ato realmente destemido, uma vez que se pode notar como o controle na verdade é do dispositivo, que "sequestra", dessubjetiva a humanidade e constrói uma subjetividade tecnológica. Características próprias dos dispositivos, conforme Agamben:

O que define os dispositivos com os quais temos que lidar na atual fase do capitalismo é que estes não agem mais tanto pela produção de um sujeito quanto por meio de processos que podemos chamar de dessubjetivação. Um momento dessubjetivante estava certamente

implícito em todo processo de subjetivação, e o Eu penitencial se constituía, havíamos visto, somente por meio da própria negação; mas o que acontece agora é que processos de subjetivação e processos de dessubjetivação parecem tornar-se reciprocamente indiferentes e não dão lugar à recomposição de um novo sujeito, a não ser de forma larvar e, por assim dizer, espectral. Na não-verdade do sujeito não há mais de modo algum a sua verdade. (AGAMBEM, 2009, p. 47).

A tensa narrativa de "The Entire History of You" metaforiza os tipos de corpos e subjetividades que estão sendo construídas com a ajuda da teleinformática e das biotecnologias, modo de apropriação com tendência fáustica, que compreende um "ideal ascético, artificial, virtual e imortal" (SIBILIA, 2002, p.42). Os personagens controlados por microchips de memória tem visualmente uma aparência robotizada, ou até demoníaca, quando têm as memórias de O Grão ligadas. Os olhos ficam brancos como em um projetor de cenas, o que pode indicar uma metáfora para uma suposta cegueira causada pelo dispositivo.

Os personagens-ciborgues do episódio de Black Mirror apresentam-se entediados frequentemente quando estão utilizando a tecnologia que está em seu próprio corpo, que elimina a motricidade complexa do corpo. Este é, então, potencializado, em certa medida, à altura da técnica e cada vez mais se torna hibridizado, frio e maquínico, o que Sibilia (2002) caracteriza como humanidade "pós-orgânica".

O chip seduz por seu potencial híbrido tecnológico, oferece amplitude de potencial e "controle" aos seres humanos. Porém, o episódio também mostra que o dispositivo, ao dessubjetivar o humano, pode abalar os laços afetivos, transformando-os em uniões maquínicas, sem sentimentos, como a do casal Liam e Ffion, personagens centrais do episódio.

O marido Liam, cujo nome metaforicamente significa "guerreiro obstinado", é um advogado preocupado com o fato de sua mulher apresentar evidências de estar interessada por outro homem. Como um "guerreiro obstinado" e advogado que é, ele procura provas em seu chip e de sua mulher que comprovem que a mesma está o traindo. Obsessivamente, ele vasculha todo o passado e acaba descobrindo o que suspeitava ao visualizar as imagens da memória apresentadas pelo aparato tecnológico e

que são os recortes da realidade que ele construiu com seu olhar.

Com o passar das cenas de investigação, Liam interroga sua esposa Ffion diversas vezes e analisa cada detalhe do passado utilizando sempre o microchip de memória. O nome Ffion significa “dedaleira”, que é uma erva venenosa. Ironicamente nomeada assim, Ffion apresenta um semblante angelical e suave, por vezes, até cabisbaixa pela culpa. Por trás de sua face inocente está a “venenosa esposa que traiu o marido com Jonas, um ex-namorado. Jonas quer dizer pessoa gentil, sedutora, e é assim que ele é apresentado nas cenas com os protagonistas. Estereótipos construídos pelo filme como forma de provocar marcas na trama e ressaltar as relações entre os personagens.

Durante as investigações de Liam usando o microchip, a cena delatora do romance entre Fi e Jonas acontece durante o jantar entre amigos. Na cena, a conversa do grupo tem um tema curioso: a falsidade dos relacionamentos, um indício de alegoria do filme ao distanciamento e dessubjetivação dos laços afetivos humanos a partir da técnica; “tendências virtualizantes e digitalizantes da teleinformática” (SIBILIA, 2002, p. 64). Acredita-se que, nesse sentido, a crítica ao aparelho tecnológico se faz em virtude de sua vontade de aprimoramento que o episódio em análise, notadamente, desconstrói.

Outro indício é o distanciamento entre as pessoas mesmo em encontros ao vivo, causado pela ansiedade em utilizar o dispositivo, como na cena do jantar entre amigos. Em um momento, um personagem desvia a atenção de todos para um vídeo de suas memórias da noite seguinte. Ele ironiza, dizendo que é o momento de assistirem algumas imagens “depressivas e engraçadas”, uma marca da condição tecnológica atual em que pessoas conduzem suas distrações para as imagens, em um processo embebedatório.

Foi exatamente a bebida alcóolica o suporte de Liam para continuar procurando imagens que comprovem a traição de sua esposa. Obstinado, ele chega até a atitudes violentas para conseguir o que quer e conquista seu objetivo. Porém, sua satisfação é temporária. Ao ver que a mentira descoberta era mais terrível do que imaginava, o uso do chip revelar-se-à trágico. Sua esposa sai de casa com sua filha e o que lhe resta é somente a companhia das memórias que o chip contém. Laços destruídos e solidão completa foram o resultado de sua procura incessante pela “verdade”. Uma verdade

recortada por ele, que foi representada nas cenas das lembranças que recolheu. Realidade técnica, construída pela tecnologia, que traz consequências ao esvaziamento do sujeito. Diante da tragicidade, só resta a Liam arrancar o chip e é isso que o faz. Não tem mais valia para ele se lembrar de tudo e, como em uma culpa pelo que fez, decide retirá-lo para se tornar mais humano e menos “ciborgue”.

3 - O PRIVADO E O PÚBLICO

No episódio, o personagem Liam demonstra certa obsessão pelo uso do chip O Grão. Ele revê diversas vezes suas imagens e também as cenas da vida íntima de sua esposa, Ffion. Além disso, tem acesso as lembranças pessoais dos amigos de Ffion durante um jantar e tem momentos de sua vida vistos por estranhos durante a passagem por um aeroporto.

Com essas cenas, o episódio “The Entire History of You” traz a tona a problemática atual da falta de fronteiras entre o privado e o público. A dicotomia dissolve seus limites e passa a ser fluida, “líquida”, metáfora cunhada por BAUMAN (2001) para caracterizar o estágio presente da era moderna, em que diversos sistemas e relações sólidas da sociedade são “derretidos” e passam a configurar uma nova mobilidade fluida.

As fronteiras entre o privado e o público são tão leves e fluidas que acabam por abafar o incômodo que possam causar de forma negativa. O indivíduo da era tecnológica por vezes não consegue decidir quais os limites do que deve ser exposto no espaço digital, por exemplo. E as opções mudam de forma rápida, como um líquido que escorre, pois o que era privado hoje, amanhã é público, seja por opção do internauta ou por acesso de instituições na internet aos dados do indivíduo. Fatos que são consequência do processamento digital da vida, conforme Sibilia (2002):

Entregues ao controle total sem fora, tais aparelhos dispensam os velhos muros das instituições de confinamento e a torre panóptica de vigilância, que se tornaram definitivamente obsoletos no novo contexto. Além de ‘virtualizar’ os corpos, espalhando pelo espaço global a sua capacidade de ação, a convergência digital de todos os dados e todas as tecnologias amplia ao infinito as possibilidades de rastreamento e de colonização das micropráticas de todas as vidas. (SIBILIA, 2002, p.59).

A questão da digitalização da vida que dissolve as fronteiras entre o público e o

privado está presente em todo o episódio de Black Mirror. O uso do microchip faz com que lembranças privadas estejam ao alcance de todos que optem por vê-las. A escolha pela visualização das memórias passa pela permissão do indivíduo, que vê no dispositivo uma opção de controle e segurança, porém, esse controle na verdade é exercido pelo dispositivo, que desvela o mundo para o humano e o mesmo não encontra saída para esse aparato tão sedutor. Bauman defende que tal problemática é própria da atual modernidade líquida.

Por mais livres e voláteis que sejam os 'subsistemas' dessa ordem, isoladamente ou em conjunto, o modo como são entretecidos é 'rígido, fatal e desprovido de qualquer liberdade de escolha'. A ordem das coisas como um todo não está aberta a opções, e ainda menos claro como uma opção ostensivamente viável poderia ser real no caso pouco provável de a vida social ser capaz de concebê-la e gestá-la. (BAUMAN, 2001, p.11)

O laço que prende o sujeito está ligado a um desejo fáustico capaz de "modelar de formas inusitadas as matérias vivas e inertes" (SIBILIA, 2002, p.49). Conforme Sibilia, o fáustico não quer o conhecimento, mas a compreensão dos fenômenos para exercer a previsão e o controle. Tal questão no contexto do episódio pode ser identificada nas cenas de discussões do casal, por exemplo, em que todas as memórias íntimas são expostas e se tornam públicas com o objetivo de vigilância das ações. Tal desejo é consentido, pois "um homem se torna tanto mais suspeito quanto mais difícil seja encontrá-lo" (BENJAMIN in SIBILIA, 2002, p.59).

4 - PASSADOS PRESENTES EM BLACK MIRROR

O episódio analisado de Black Mirror traz também a tona a questão da memória humana. Na era tecnológica, o desejo é potenciá-la à altura da técnica como forma de apreendê-la. Segundo Huyssen (2000), a emergência da memória é caracterizada por um desejo de volta ao passado.

O pensamento de Huyssen sobre a memória induz reflexões sobre o episódio analisado neste artigo. Um dispositivo de memória e controle é utilizado na série como colaborador para a extensão da memória dos seres humanos. Essa memória que é desejo de apreensão pelos indivíduos e que está cada vez mais disponível com a ajuda dos aparatos tecnológicos e midiáticos.

Segundo o autor, não é mais possível discutir memória sem considerar a influência das tecnologias de mídia como veículos de memória. Porém, Huyssen indaga se esse aumento de memória é acompanhado de um crescimento do esquecimento, considerando que grande partes das memórias comercializadas em massa são memórias imaginadas, passageiras e, por esse motivo, seriam mais facilmente esquecidas. De acordo com Huyssen:

Freud já nos ensinou que a memória é apenas outra forma de esquecimento e que o esquecimento é uma forma de memória escondida. Mas o que Freud descreveu como os processos psíquicos da recordação, recalque e esquecimento em um indivíduo vale também para as sociedades de consumo contemporâneas como um fenômeno público de proporções sem precedentes que pede para ser interpretado historicamente. (HUYSSSEN, 2000, p.18).

Essa mesma sociedade citada por Huyssen é retratada em Black Mirror. Sedenta por memória, ela passa a adquirir tecnologia e hibridizar seu corpo como forma de dominar o universo das lembranças. Tornando-se, assim, homens-ciborgues, como já foi apontado no início desse artigo, em que uma humanidade maquínica foi adquirida sob o desejo impetuoso de adquirir mais memória, resgatar um passado-presente.

Para onde quer que se olhe, a obsessão contemporânea pela memória nos debates públicos se choca com um intenso pânico público frente ao esquecimento, e poder-se-ia perfeitamente perguntar qual dos dois vem em primeiro lugar. É o medo do esquecimento que dispara o desejo de lembrar ou é, talvez, o contrário? É possível que o excesso de memória nessa cultura saturada de mídia crie uma tal sobrecarga que o próprio sistema de memórias fique em perigo constante de implosão, disparando, portanto, o medo do esquecimento? (HUYSSSEN, 2000, p.18)

A partir dessa reflexão de HUYSSSEN, ficam algumas questões sobre a problemática do episódio de Black Mirror: foi o excesso de memória que provocou o desastre na vida de Liam ou se não houvessem tais lembranças sua vida teria um rumo melhor, mas falso? O que é mais real: a vida atual de Liam ou o passado registrado no chip? Perguntas geradas a partir da análise de uma ficção, mas que se assemelham alegoricamente à realidade da era digital vivida atualmente, em que os dispositivos produzem uma certa sedução quando à possibilidade de viver além dos limites humanos.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *1984* (ORWELL, 2009), apresenta uma realidade fictícia. A trama se desenvolve na fictícia potência Oceania, que vive um sistema totalitário comandado pelo ditador Big Brother. Por meio das “teletelas”, as autoridades espionam e controlam a vida dos cidadãos. Assim como *1984*, o episódio “The Entire History of You”, da série *Black Mirror*, mostra como o dispositivo – no caso, “O Grão”, chip instalado próximo à orelha de cada indivíduo e com alta capacidade de armazenar memória que pode ser visualizada mentalmente ou projetada em uma tela – é capaz de “capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (AGAMBEN, 2009, p. 40).

Diferente do retratado em *1984*, o uso do dispositivo no episódio de *Black Mirror* não é obrigatório. Mas a maioria das pessoas o adquiriu, talvez por serem “vítimas” de uma sutil “ditadura do consumo” que seduz as pessoas para comprarem determinados produtos para não se sentirem excluídas, situação que guarda semelhanças com a realidade.

Há argumentos otimistas, que enxergam o domínio técnico como digno de “emancipação da espécie inteira”, em especial “das classes mais numerosas e pobres” (MARTINS, 1996). Em outras palavras, prometeicos, que, neste caso, são a favor do uso do chip: ele supostamente produz uma sensação de segurança pública e privada, visto que quase ninguém possui mais segredos. É o caso do personagem Liam, cuja memória é visualizada pelos funcionários do aeroporto antes de embarcar em um voo, garantindo que ele não represente perigo. Por sua vez, a personagem Ffion possui o conforto de visualizar todo o tempo em que a babá passou com sua filha.

No entanto, o lado fáustico do dispositivo em questão acaba pesando mais. Não há privacidade, tampouco o luxo de se ter segredos. Esquecer o passado e tocar a vida torna-se praticamente impossível, visto que o dispositivo não deixa os indivíduos esquecerem o que eles mesmos ou os outros fizeram. Afinal, como escreveu Machado de Assis, “esquecer é uma necessidade”.

A ficção reflete a realidade atual: a tecnologia, a internet e as redes sociais digitais são capazes de tolher a privacidade, tornando muitas informações públicas, assim como esvaziar o sentido de viver plenamente, em função de uma virtualização da vida. O mesmo acontece com os personagens de Black Mirror.

O casal Liam e Ffion possuem uma relação maquínica que tem um final trágico: tendo certeza da traição da esposa, Liam decide se separar e passa a viver sozinho. A cena final do episódio mostra esta situação. Bastante simbólica, a ausência de luz desta cena revela o estado de espírito do personagem, que relembra o passado por meio de *flashbacks*. Um cenário que remete a tristeza e melancolia vivida pelo personagem. Por sua vez, os *flashbacks* remetem ao passado, quando Ffion e Liam ainda eram casados e a filha morava com os dois, cenas com cores, luz e vida, que remetem a felicidade.

Ao mesmo tempo em que tais lembranças são boas e agradáveis, elas aprisionam o personagem, que se sente impedido de seguir adiante. A retirada do dispositivo, feita com uma pinça e no banheiro de casa, parece ser a única solução, que o libertará. Uma “liberdade” também fictícia, fluída.

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?**. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História – Destrução da experiência e origem da história**. Tradução Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- HARAWAY, Donna. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- HUYSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: HUSSEIN, Andreas. **Seduzidos pelas memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 9-40.
- MARTINS, Hermínio. **Hegel, Texas - e outros Ensaios de Teoria Social**. Edições século XXI, 1996.
- SIBILIA, Paula. **O Homem Pós-orgânico - Corpo, Subjetividade e Tecnologias Digitais**. Rio de Janeiro: Relume – Dumara, 2002
- ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SOBRE AS AUTORAS:

Mestrandas em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG – Departamento de Estudos de Linguagem e Tecnologia – Letras.